

4468

LUX: JORNAL RECORTES LTDA

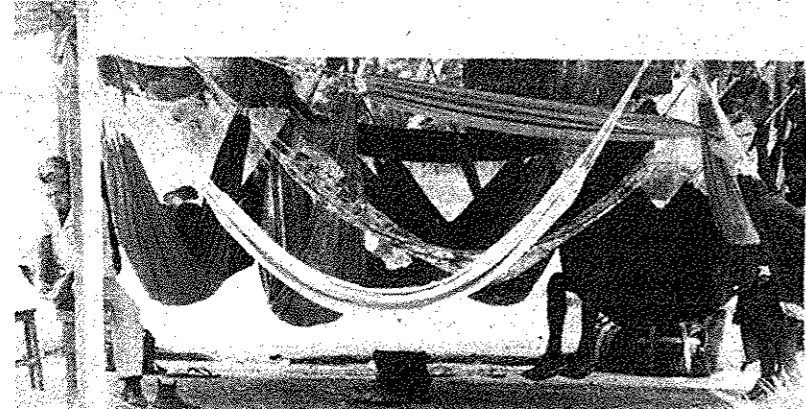
Jornal

Kayapó Gorotire

CEDI - P. I. B.
DATA 31/12/86
COD

Cidade vive momento de espera que pode trazer mais tragédias

GARIMPEIROS PODEM DESTRUIR REDENÇÃO



Os dias estão correndo muito iguais para cada um dos garimpeiros.

Indígenas não crêem que haja negociação

O porta-voz da nação Kaiapó, índio Paiaká, disse ontem que vai percorrer todas as aldeias da reserva, Kubecranquem, Krikretun, Kokrainoro, Gorotire e Aukre para informar às lideranças indígenas de como foram desenvolvidas em Brasília as negociações a respeito do impasse de Gradaús, surgido com a tomada do garimpo de Maria Bonita pelos guerreiros Gorotire, comandados pelos caciques de guerra Kanhonk, Totói e Ulê.

Ontem, na sede regional da Funai, Paiaká contou que dificilmente os Kaiapó concordarão com a proposta feita em Brasília aos índios, no sentido de permitir o funcionamento do garimpo de Maria Bonita para depois, serem iniciados os trabalhos de demarcação do território indígena que os Gorotire estão querendo manter sem a presença dos homens brancos, em última hipótese.

Paiaká disse, ainda, "que nós somente teremos uma resposta dos índios quando voltar a Belém, na próxima quarta-feira. Mas acho que os índios não vão aceitar a proposta que está sendo feita. Nós queremos a demarcação da reserva antes de liberar o garimpo. Eu não vou ficar andando de lá para cá todo o tempo sem resolver nada. Nós queremos a demarcação".

Índio briga

O índio Paiaká, escolhido pela nação Kaiapó para servir de porta-voz de seu povo na questão do garimpo de Maria Bonita, comentou que, "se os garimpeiros quiserem entrar pela força no garimpo, índio vai brigar". Ao seu lado, o cacique Kanhonk, acompanhando atentamente a entrevista, balançou a cabeça concordando com tudo que Paiaká dizia, observando "índio briga". Paiaká disse que em Maria Bonita ficou no comando o cacique Totói, com ordens para não permitir o ingresso de ninguém naquelas grotas da serra da Tocandeira e Gradaús.

"Nós vamos brigar para defender o que é nosso. Garimpeiros podem querer brigar, mas índio sabe mais de guerra. Não são como a gente que sai pela mata. Vive na mata. Nossa gente está treinada para a guerra na mata. Índio vai ficar firme em Maria Bonita até resolver tudo", garantiu Paiaká. Os problemas causados pelos garimpeiros em Redenção, segundo Paiaká, podem estar servindo de pressão para as autoridades, "mas os índios não querem saber disso. Temos que resolver os nossos problemas. Nosso desejo é ficar sossegado lá em nossa terra".

Instado a comentar se poderia haver a possibilidade de ser aberto o garimpo, sob gerenciamento dos índios, Paiaká disse que sim. "Mas nós é que vamos dizer quem vai entrar e quem vai sair do garimpo. Muito ouro saiu de lá e ninguém ficou sabendo para onde foi. Não pode ficar assim". Disse ainda que os índios estão em condições de exercer o comando do garimpo pois existem índios capazes de operar o rádio, fiscalizar a pista de pouso, fazer o controle de entrada e saída dos brancos e cobrar os aluguéis que acreditam ter direito de receber como indenização pelo ouro que já foi retirado de suas terras.

A saída de Marabuto, no entendimento de Paiaká se deu exatamente num momento em que, bem ou mal o então presidente da Funai estava dando prioridade aos direitos dos índios. "Ele foi um dos primeiros presidentes que foi pro meio da mata saber o que o índio estava querendo". Paiaká voltou ao assunto de um possível enfrentamento entre garimpeiros e gorotires dizendo "no momento, índio não sabe o que é medo. Branco pensa que é grande. Índio também é. Branco pensa que só ele é forte. Índio também é. Índio também é homem e não vamos ficar com medo de brigar".

O diretor regional da Funai, Salomão Santos, declarou que os Kaiapó preferem a demarcação da reserva antes de qualquer outro entendimento. E que, depois de que os índios passarão a discutir a questão do aumento do dízimo sobre o ouro lá apurado, de que maneira funcionarão os estabelecimentos lá existentes onde, inclusive, em plena reserva indígena, os alvarás de funcionamento dos comércios são emitidos e as taxas recolhidas ao município de São Félix do Xingu.

Se até terça-feira o Ministério do Interior não der uma resposta que seja favorável aos garimpeiros, estes prometem que vão partir para um quebra-quebra na cidade de Redenção, onde estão instalados mais de dois mil deles, ocupação que começou a partir do dia 1º de abril, quando Maria Bonita foi interdita pelos índios Gorotire. Os representantes dos garimpeiros, por sua vez, dizem que não se responsabilizam por quaisquer atos a partir de terça-feira e afirmam categoricamente que "muito sangue vai rolar". Já o prefeito Arcelide Veronese que foi o porta-voz da promessa do secretário geral do Ministério do Interior, Maurício Vasconcelos, sobre uma resolução até o próximo dia 23, diz que não sabe o que pode acontecer, caso a proposta não satisfaça aos garimpeiros. Mesmo assim, ele declara que esta confiante e tem quase a certeza de que Maurício Vasconcelos vai dar uma resposta favorável.

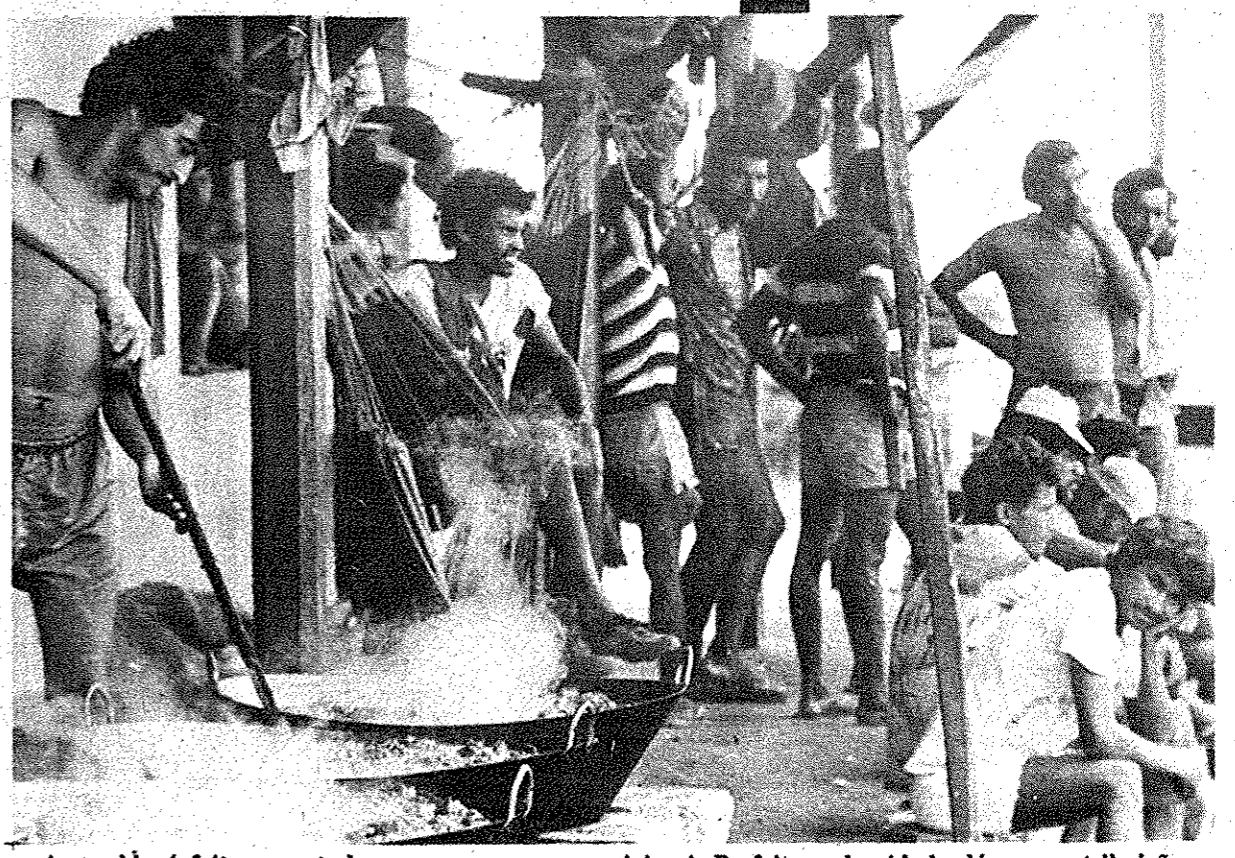
Na verdade, para os garimpeiros só uma resposta satisfaz: a volta ao trabalho no garimpo. Eles estão alojados nos antigos barracos do velho aeroporto, um deles, um grande galpão de propriedade do empresário Dimas Inácio de Faria, que não se importou em ceder temporariamente o local. Era o jeito. Eles andam em grupos, a esmo pelos arredores do aeroporto, que fica a poucos metros do centro da cidade. Mas, estão contidos pelo prazo até terça-feira e por alguns comerciantes de Maria Bonita — que também estão no prejuízo, já que também caíram fora do garimpo — que pedem calma a todos. Só até terça-feira, fazem questão de frisar.

Aliás, esses mesmos comerciantes, que são tidos pelos verdadeiros garimpeiros como seus líderes (são eles que empregam a todos), acusaram de, entre os dois mil, estarem uns dez a vinte agitadores. "Gente que está preocupada apenas em fazer baderna. Eles se referem aos problemas verificados no último dia 18, quando uma turma — que seria liderada pelos tais agitadores, na opinião dos líderes — tentou saquear uma loja foi impedida pelo dono do estabelecimento, o sr. Fernando (um dos mais antigos comerciantes de Redenção). Que acertou três balas em três garimpeiros diferentes. Além disso, incendiaram, como vingança, a camionete veraneio do mesmo sr. Fernando. Até ontem, o veículo permanecia no mesmo lugar — área de concentração deles — como um troféu, e segundo alguns, "era um aviso para mostrar que estamos dispostos a qualquer coisa". Na ocasião do incêndio, um soldado de Polícia Militar baleou mais um garimpeiro, cujo tiro atingiu de raspão a bolsa escrotal.

Os quatro estão internados — segundo o médico responsável dr. Júlio Assunção, sem perigo de vida — na Unidade Mista da Secretaria de Saúde, onde por sinal, só existem 10 leitos disponíveis. Por sinal, por causa da carência de leitos, um dos pacientes (o baleado pelo PM) está num colchonete sobre o piso mesmo. São os seguintes os baleados: Germano da Silva, Cícero Vale de Souza e Ademar Silva dos Santos (atirados pelo dono da loja) e Raimundo Almeida Filho (ferido pelo tiro do soldado). Já os atingidos pela malária chegaram a pouco mais de 60. Mas, depois das primeiras medicações foram liberados. Hoje, começa uma vacinação em massa a cargo da Sespa.

Alegria

As comunicações entre a sede do município de Redenção e o garimpo estão cortadas (a distância é de 150 kms), mesmo porque os índios não estão deixando de maneira nenhuma algum garimpeiro voltar ao local, nem que seja apenas para verificar se seus pertences nas barracas estão em ordem. Exemplo disso é o que aconteceu anteontem, quando uma turma decidiu ir até lá e seu deumal. Tiveram que voltar às pressas, sob o risco até de serem mortos pelas sentinelas dos 200 índios que estão na aldeia. Por causa dessa falta



A comida é feita para todos, sem preparos especiais. A Prefeitura da cidade dá sua contribuição.



Amontoados nos galpões, em redes, esperando por uma solução.



No acampamento a alimentação é precária, quase de fome.

de comunicação é que ontem em Redenção, as notícias eram muito desconstruídas. Enquanto o prefeito dizia que os caciques representantes dos Gorotire tinham retornado de Brasília para a aldeia com uma proposta do secretário geral do Minter, os líderes garimpeiros afirmavam que eles ainda estavam negociando em Brasília ontem à tarde e que só havia ido para Maria Bonita o chefe da Funai.

Talvez quem mais torça por um resultado positivo para os garimpeiros seja o prefeito Arcelide Veronese, que já perdeu 100 milhões da Prefeitura em 19 dias e perdeu 6 quilos de peso de tanto andar de lá pra cá. Os 100 milhões que equivalem a 40 por cento da arrecadação total do município em mês de grande faturamento, foram principalmente em alimentação e transportes de doentes do garimpo para a cidade, quando os garimpeiros estavam sendo

expulsos (na acepção do termo). Aliás, muitos se queixam dos maus tratamentos que recebem dos funcionários da Funai, dos índios e da Polícia Federal. Alguns afirmam que até chegaram a apanhar para saírem mais rapidamente do garimpo.

Todos os dias, o prefeito tem que dar aos garimpeiros 1.000 pães, 120 quilos de carne, 150 quilos de arroz e 240 quilos de feijão. Ou seja, a troca de café, almoço e jantar, ele espera que os garimpeiros não partam para o saque dos estabelecimentos comerciais. É justamente na hora do almoço, que o garimpeiro esquece um pouco a sua revolta. Eles ficam brincando de "pelada" ou se embalando em redes, outros cercando os cozinheiros, enquanto três caldeirões até a tampa, fumegam em fogo atizado ao ar livre. Ao meio dia em ponto, começa a fila para a segunda refeição do dia (o café da

manhã é servido às 7 horas e o jantar às 19 horas). Depois cada qual lava o seu prato. A frente do restaurante improvisado e do local de reuniões (toda reunião é apenas para pedir paciência e repetir que o prazo só vai até terça-feira), ficam um mastro, onde hastearam a Bandeira brasileira. Há oito dias que o pavilhão está lá sem ser arriado.

Maior garimpo

De acordo com Sidney Guimarães, uma espécie de investidor-comerciante-garimpeiro-porta-voz-élider, o prejuízo de todos — contanto comerciantes, garimpeiros, proprietários de áreas garimpadas ou a garimpar, etc — chega já a 10 bilhões (é bilhões mesmo, viu) de cruzeiros ele diz que o garimpo produz 300 quilos de ouro por mês (80 a mais do que estima o DNPMP). Em Patrimônio parado, com o risco de ser perdido por completo, ele calcula 50 bilhões de cruzeiros, estando aí incluídos barracas, estabelecimentos comerciais, chupadeiras, moínhos, dragas. Cada chupadeira, o equipamento mais usado no garimpo custa em torno de 25 milhões de cruzeiros e em Maria Bonita há quase duas mil chupadeiras. Informa Sidney que 90 por cento de Maria Bonita são mecanizados e cada equipamento é obrigado a ter uma mão-de-obra de no mínimo cinco pessoas. Ele assegura que o garimpo proporciona trabalho a cerca de 15 mil pessoas, direta e indiretamente (mais diretamente). Sidney diz também que nenhum garimpeiro tem culpa pelo que está acontecendo, simplesmente porque, ninguém entra em Maria Bonita se não tiver autorização oficial: uma carteirinha fornecida pelo Ministério da Fazenda, que muitos andam com ela no bolso da camisa para exibirem, se bem que em Redenção elas nada valem. Por outro lado, qualquer equipamento mecânico tem também que ter uma guia do DNPMP. Portanto, a culpa, dizem os líderes, é do governo que quis fazer política, satisfazendo dois lados. Agora, tudo estourou e sobrou para o lado mais fraco.

Anteontem à tarde, chegaram a Redenção mais alguns PMs. Eles vieram de Conceição do Araguaia — distante 20 minutos de avião —, às pressas, comandados pelo capitão Gibson. Agora, ao todo são 60 policiais PM. Conforme falou o capitão, tudo está em paz, tranqüilo. Ele disse isso logo ao chegar em Redenção, sem ter visto a área de maior concentração dos garimpeiros, segundo alguns, um verdadeiro barril de pólvora, cujo rastilho começa justamente nos barracos do velho aeroporto de Redenção.



Os indígenas que estiveram na Funai consultarão outras tribos.

Padre Ângelo Pansa desaparece na viagem

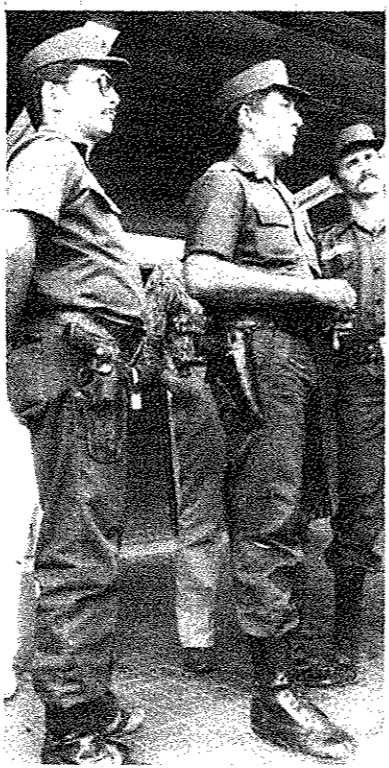
O padre Ângelo Pansa (40 anos), da Prelazia de Altamira, há dois dias está desaparecido na região entre as localidades de Cajueiro e Entre Rios, naquele município, e é possível que o desaparecimento tenha relação com o conflito existente entre a empresa Brasilnor (que explora ouro), posseiros e um pequeno número de índios, que recentemente foram expulsos da área.

A informação foi dada ontem à noite pelo advogado José Carlos Castro que, na qualidade de advogado da Prelazia de Altamira, informou que há aproximadamente dez dias o padre Ângelo Pansa desloca-se de Altamira para Cajueiro, à frente de posseiros e índios, na tentativa de negociar com a Brasilnor, o retorno deles à área.

José Carlos Castro informou que a viagem do padre Ângelo foi comunicada por ele, Carlos Castro, à Divisão de Polícia do Interior, da Se-

gura, uma vez que era previsto um assédio de pistoleiros da Brasilnor à comitiva.

Disse que de fato a comitiva de padre Ângelo Pansa foi cercada por pistoleiros, em Cajueiro, em que pese a tentativa do religioso em contornar a situação. Como era um dos mais visados pelos pistoleiros, o padre Ângelo resolveu deixar os posseiros e índios no porto de Cajueiro e dirigir-se para Entre Rios, numa pequena embarcação, a companhia de apenas um tripulante.



A camioneta destruída pelo fogo virou o símbolo da luta dos garimpeiros. Em Redenção as policiais chegam para reforçar o contingente.

